

OFICINA
ARTICULAÇÃO
PREPARATÓRIA DA
SOCIEDADE CIVIL
BRASILEIRA
NA COP25

04 E 05/11/2019
BRASÍLIA-DF

Carta-manifesto

MOVIMENTOS E REDES BRASILEIRAS: MUDEMOS O SISTEMA, NÃO O CLIMA!

Nós, representantes de coletivos, organizações da sociedade civil (OSCs) e movimentos sociais e populares de todas as regiões do país, reunidos em 04 e 05 de novembro em Brasília na oficina “Articulação Preparatória da Sociedade Civil Brasileira na COP25”, apresentamos publicamente nosso posicionamento sobre o processo dessa conferência e a agenda climática em nosso país.

Uma das principais causas do fracasso das Conferências das Partes (COPs) em estabilizar e reverter as emissões de gases de efeito estufa (GEE) e, assim, frear o fator antrópico do aquecimento global é o não reconhecimento de que a economia centrada no crescimento econômico ilimitado é o fator de maior impacto na escalada da temperatura do planeta. Denunciamos, assim, o papel das grandes corporações transnacionais que influenciam as COPs a ignorar tal realidade e desviar o sentido das ações climáticas dos governos e da própria Organização das Nações Unidas (ONU).

Só haverá, de fato, uma convivência com a natureza quando indivíduos e comunidades se libertarem dessa opressão e ilusão, adotarem um padrão sóbrio de consumo e reduzirem a demanda por energia e bens. O sistema que seduz indivíduos para que comprem, consumam e descartem sem limites torna insustentável a economia do capital. São as comunidades humanas e seus membros, nos seus territórios, os que têm maior capacidade e interesse em cuidar da saúde dos ecossistemas e de ter uma convivência harmônica com o meio natural.

A COP25 se realizará em um contexto no qual o planeta dá passos visíveis em direção ao caos climático. Trágico, mas é o único resultado possível após décadas de postergação das ações necessárias para reduzir as emissões de GEE, durante as quais se preferiu dar continuidade à queima em larga escala de combustíveis fósseis para atender uma demanda energética crescente e à agropecuária industrial.

Uma temperatura não muito maior do que 1°C acima daquelas do período pré-industrial é suficiente para produzir, de um lado, ondas de calor letais, secas extremas, incêndios florestais mais frequentes e, do outro, tempestades mais severas, furacões e tufões mais destrutivos e enchentes e deslizamentos que impõem riscos cada vez maiores, especialmente às populações vulnerabilizadas. Os atuais compromissos de mitigação do Aquecimento da Terra assumidos pelo Acordo de Paris apontam para uma temperatura média de 3°C em 2100. E nem mesmo eles estão sendo cumpridos!

Realização



Apoio



OFICINA
**ARTICULAÇÃO
PREPARATÓRIA DA
SOCIEDADE CIVIL
BRASILEIRA**
NA COP 25

**04 E 05/11/2019
BRASÍLIA-DF**

O colapso do Ártico é praticamente irreversível, com o gelo marinho perdendo volume rapidamente em todas as estações do ano e o manto da Groenlândia em franco declínio. Também não há dúvidas de que o balanço de massa da Antártica é de perda, com o derretimento do gelo em ambos os polos trazendo uma tendência irreversível de elevação do nível dos mares em prazo ainda incerto. A grande maioria das geleiras recua rapidamente, o que expõe países inteiros ao risco de perderem sua principal fonte de água doce. O solo congelado há dezenas de milhares de anos derrete, expondo a matéria orgânica nele contida à decomposição, levando à emissão de metano, um GEE dezenas de vezes mais potente que o dióxido de carbono.

O perigo que paira sobre os biomas tropicais, como a Floresta Amazônica, é enorme, pois o risco de mortandade em massa de árvores cresce exponencialmente com o aumento alarmante dos incêndios e do desmatamento, com as estiagens e as altas temperaturas que inibem a fotossíntese. Ao mesmo tempo, culturas agrícolas inteiras se tornam inviáveis em tais condições. Um aquecimento global fora de controle pode tornar boa parte dos trópicos literalmente inabitável.

A mortandade de corais avança em ritmo acelerado, colocando em risco a teia de vida marinha. Isso só agrava um quadro já extremamente grave associado à combinação de acidificação oceânica e poluição por plástico ou por petróleo, todos processos associados à mesma cadeia econômica destrutiva.

Afastamo-nos cada vez mais da possibilidade de manter esse aquecimento dentro do limite administrável de 1,5°C de anomalia em relação ao período pré-industrial. Mantendo o ritmo atual de emissões de GEE, as chances de permanecer dentro desse limite praticamente desaparecem em pouco mais de uma década. Trata-se, sem dúvida, de uma emergência e de uma ameaça concreta à existência da civilização humana e à biosfera terrestre como a conhecemos.

Uma conjuntura política turbulenta em âmbito global também compromete qualquer possibilidade de resultados positivos na COP25. Os protestos no Chile, país-sede da cúpula, levaram o presidente do país, Sebastian Piñera, a cancelar sua realização. Em poucos dias, foi anunciado que a Espanha sediará o encontro. A mudança de local em um prazo tão curto, algo raramente visto em uma cúpula global dessa magnitude, praticamente elimina as possibilidades de que a sociedade civil chilena (e latino-americana) transforme o evento em um ato global de protesto contra o neoliberalismo e sua contribuição decisiva tanto para o aumento da pobreza e da desigualdade como para o caos climático que se anuncia.

As OSCs da Espanha denunciam as contradições do governo do país, cujo empenho em lidar com a urgente questão climática não corresponderia à sua “boa-vontade” em oferecer-se para sediar o encontro. A ONU manteve-se ausente de todo o problema, como se não tivesse de fato qualquer poder de decisão sobre onde e como o principal evento internacional sobre um tema extremamente relevante acontece.

Realização



Apoio



OFICINA
ARTICULAÇÃO
PREPARATÓRIA DA
SOCIEDADE CIVIL
BRASILEIRA
NA COP 25

04 E 05/11/2019
BRASÍLIA-DF

A esse quadro junta-se a decisão dos EUA de se retirarem do Acordo de Paris. Ainda que leve um ano para se concretizar na prática, não há dúvidas de que a pauta da COP25 será inevitavelmente influenciada, de modo negativo, por esta decisão. Justamente quando o mundo se prepara para o início das transformações desastrosas de um colapso climático, a COP25 dá todos os sinais de que será completamente incapaz de lidar com o desastre anunciado.

No Brasil, a situação se agrava com a persistência do governo federal em desconhecer a emergência climática por meio do desmonte da legislação ambiental, de um negacionismo explícito e da ausência de ações concretas para conter as queimadas na Amazônia e no Pantanal e os vários desastres socioambientais, tais como o derrame de milhares de litros de óleo na zona costeira do Nordeste.

Historicamente, as COPs têm se mostrado refratárias à incidência e à participação popular. Com as mudanças descritas acima, torna-se urgente uma agenda autônoma da sociedade civil brasileira na temática socioambiental integrada à questão climática. Essa oficina foi realizada com essa perspectiva e se propôs a sistematizar as práticas de várias OSCs e movimentos sociais que enfrentam o colapso climático e apontam para outros modos de vida. Essas iniciativas são fundamentais, pois nos inspiram e fortalecem as redes de resistência ao atual modelo de desenvolvimento.

Cerca de 60 organizações de todas as regiões do país participaram com uma ampla diversidade de práticas e iniciativas, incluindo comunidades indígenas, quilombolas e caiçaras. Há inúmeras convergências que perpassam os processos de resistência, denúncia e combate ao atual modelo capitalista de desenvolvimento que expropria as comunidades tradicionais e populações das periferias e destrói a natureza. Há também convergências nas lutas e nos anúncios, com práticas que materializam outros modos de vida, como o uso de tecnologias sociais de convivência com os biomas, geração de energias renováveis de forma autônoma e com justiça socioambiental, turismo de base comunitária, saneamento ecológico, bancos de sementes, práticas agroecológicas, educação ambiental e mobilização social.

Reconhecer a Terra como sujeito de direitos pode ajudar a curar os ecossistemas e evitar a expansão da degradação e de novos desastres, pois torna compulsório o respeito à integridade da vida, dos ecossistemas e dos biomas. Já há OSCs e movimentos no Brasil engajados na campanha pelo reconhecimento dos Direitos da Natureza nas constituições federal e estaduais e nas leis orgânicas municipais. No Brasil, a cidade de Bonito (PE) já incluiu os direitos da natureza em sua Lei Orgânica. Há propostas similares nas câmaras de Caseara e Palmas (TO), Fortaleza (CE), São Paulo (SP), Florianópolis (SC) e na Constituição Estadual do Rio de Janeiro. No plano internacional, há pressão para que a ONU aprove a Declaração Universal dos Direitos da Terra.

Realização



Apoio



OFICINA
ARTICULAÇÃO
PREPARATÓRIA DA
SOCIEDADE CIVIL
BRASILEIRA
NA COP 25

04 E 05/11/2019
BRASÍLIA-DF

O atual sistema não nos contempla. Ele é insustentável e só tem gerado miséria, desastres e injustiças sociais e ambientais para as amplas maiorias sociais. A emergência climática que põe em xeque a viabilidade do nosso planeta nos coloca a tarefa histórica de contrapor a esse sistema a sociedade do Bem Viver, livre de toda e qualquer forma de opressão, democrática e com justiça social, ambiental e climática.

Brasília, 05 de novembro de 2019

- Ágora dos/as Habitantes da Terra - Brasil
- Articulação Antinuclear Brasileira - AAB-BA
- Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - Apib
- Associação para Recuperação e Conservação do Ambiente - Arca-GO
- Campanha Nem um Poço a Mais - ES
- Ceará no Clima - CE
- Central de Movimentos Populares de Rondônia - CMP-RO
- Centro Burnier - MT
- Centro de Defesa dos Direitos Humanos - CDDH
- Coletivo de Mulheres - CUT-RO
- Comissão Pastoral da Terra - CPT
- Comitê de Energia Renovável do Semiárido - Cersa-PB
- Comitê Nacional em Defesa dos Territórios frente à Mineração - CNDTFM
- Comunidades Agroecológicas do Bem Viver - DF
- Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - Conaq
- Engajamundo - Brasil
- Escola de Sustentabilidade Integral e Universidade do Estado da Bahia - Uneb
- Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional - Fase-ES
- Fórum Alternativo Mundial das Águas - Fama-DF
- Fórum de Comunidades Tradicionais Angra, Paraty, Ubatuba - FCT-RJ e SP
- Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental
- Frente por uma Nova política Energética para o Brasil
- Fundação Vitória Amazônica
- GEN Education - Global Ecovillage Network
- Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - Ibase-RJ

Realização



Apoio



OFICINA
**ARTICULAÇÃO
PREPARATÓRIA DA
SOCIEDADE CIVIL
BRASILEIRA**
NA COP 25

04 E 05/11/2019
BRASÍLIA-DF

- Instituto Madeira Vivo - IMV-RO
- Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul - Pacs-RJ
- Instituto Socioambiental - ISA
- Instituto Terramar - CE
- Koinonia Presença Ecumênica e Serviço - RJ
- Mandato Flávio Serafini - Alerj
- Marcha Mundial das Mulheres
- Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB
- Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA
- Movimento dos Trabalhadores do Campo - MTC-TO
- Movimento Tapajós Vivo - PA
- Observatório dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina - OTSS-RJ
- Projeto Rios - SC
- Projeto Tapajós Solar - PA
- Rede Florestal Caatinga - PB
- Rede Global Diálogos em Humanidades - Brasil
- Rede Jubileu Sulm - Brasil
- Revulusolar - RJ
- Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental - Sares-AM
- Serviço Pastoral dos Migrantes - SPM-SP e PB

Realização



Fórum
Mudanças Climáticas
e Justiça Socioambiental

Apoio

Brot
für die Welt

MISEREOR
IHR HILFSWERK